



**ALFREDO
DA SILVA** O FUTURO
COMO TRADIÇÃO

150
anos

Artes e Arquiteturas CUF

História e Contexto

José Manuel Fernandes
Miguel Figueira de Faria
(Coordenadores)

ARTES E ARQUITETURAS CUF
História e Contexto

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor; reprodução proibida.

Sem o prévio consentimento escrito do editor, são totalmente proibidas a reprodução e a transmissão desta obra (total ou parcialmente) por todos e quaisquer meios (eletrónicos ou mecânicos, transmissão de dados, gravação ou fotocópia), quaisquer que sejam os destinatários ou autores (pessoas singulares ou coletivas), os motivos e os objetivos (incluindo escolares, científicos, académicos ou culturais), à exceção de excertos para divulgação e da citação científica, sendo igualmente interdito o arquivamento em qualquer sistema ou banco de dados.



Título

Artes e Arquiteturas CUF – História e Contexto

Coordenação científica

José Manuel Fernandes
Miguel Figueira de Faria

Coordenação editorial

Madalena Romão Mira
Raquel Medina Cabeças

Edição e *copyright*

Princípio, Cascais
1.ª edição – outubro de 2023
© Princípio Editora, Lda.

Design da capa Brand Practice

Execução gráfica Artipol • **Depósito legal** 516619/23

Princípio

Rua Vasco da Gama, 60-B – 2775-297 Parede – Portugal
+351 214 678 710 • principia@principia.pt • www.principia.pt
facebook.com/principia.pt • instagram.com/principiaeditora • linkedin.com/company/principiaeditora

José Manuel Fernandes
Miguel Figueira de Faria
(coordenação científica)

ARTES E ARQUITETURAS CUF

História e Contexto

APRESENTAÇÃO

A obra que a Fundação Amélia de Mello (FAM) apresenta neste volume incide sobre uma temática raramente estudada em Portugal, na qual se aborda a implementação de uma estratégia empresarial com concretização em edificações e obras de arte com maior ou menor componente arquitetónica ao longo de quase um século nos territórios nacional e ultramarino.

É indiscutível que o peso económico das empresas pode ditar impactos relevantes em função das indústrias implantadas, sejam elas químicas, sejam de prestação de serviços, como a reparação naval, a atividade dos serviços bancários ou de seguros.

Quando se imagina o que terá sido uma empresa industrial com uma força laboral na ordem da dezena de milhares de pessoas, facilmente se percebe a sua relevância no ecossistema do espaço territorial onde se implantou. Quando observamos a cidade do Barreiro, aos dias de hoje, esta leitura não nos fornece de imediato uma noção clara de quão relevante foi essa fábrica, a CUF, um grande complexo fabril de dimensão europeia.

É fundamental pensar no número de habitantes que aí então viviam, dentro e à volta das instalações da empresa. Esta dimensão é crucial, pois são as pessoas que fazem as empresas, que as desenvolvem e alimentam, permitindo, através do

investimento nesses recursos, a inovação e novos desafios, com ambição e vontade de criar riqueza.

Para a FAM, no contexto das comemorações dos 150 anos do nascimento de Alfredo da Silva, é muito interessante apresentar e analisar, de forma aberta e sem complexos, as opções que foram tomadas pelo fundador do Grupo CUF e pelos que lhe sucederam à frente do conglomerado no sentido de tomar a iniciativa de ser absolutamente inovador em dimensões «externas» à atividade industrial, preocupando-se em criar condições e infraestruturas de apoio à vida de todos os seus trabalhadores e operários. É disso exemplo, logo em 1906, quando decidiu investir no Barreiro, o surgimento do bairro operário, de um posto de socorros médicos ou de uma escola operária.

Inspirado por uma opção de máximo rigor e procura da excelência, o Grupo CUF viria a contratar a prestação de serviços de arquitetos de nomeada, para definir as melhores estratégias e fundamentar as opções tecnicamente mais acertadas para a época. Isso é sem dúvida evidente quando se pensa no que foi a evolução dos bairros operários ou do chamado Bairro Novo da CUF, no Barreiro, quando a empresa tomou a decisão de construir muitas centenas de fogos para habitação. É deveras relevante estudar as opções de desenvolvimento urbanístico tomadas em Alferrarede-Abrantes, tendo em vista o incremento fabril de uma unidade empresarial e de uma povoação com bairros ou instalações sociais à sua volta. Importa também conhecer a lógica subjacente à obra arquitetónica que é o Mausoléu de Alfredo da Silva, ou a criação do parque empresarial de Albarraque – Sintra, onde se veio a instalar A Tabaqueira já no início dos anos 60 do século passado.

Neste contexto, consideramos ser do maior interesse a leitura do presente livro, que detalha as opções mais estéticas e funcionais que se justificavam no tempo em que surgiram. Certamente que não é possível voltar a ter um modelo de política redistributiva semelhante, pois os tempos são outros, o Estado já não precisa de que a empresa o substitua no seu papel estruturante, mas é fascinante pensarmos, hoje, no que foi, por exemplo, a Colónia de Férias da CUF nos anos 50, frequentada anualmente e durante duas décadas por 1600 crianças durante 15 dias, ou o Hospital CUF, focado prioritariamente na prestação de serviços médicos aos seus operários e funcionários a partir de 1945, ano em que iniciou a sua atividade.

Uma palavra muito especial é devida aos coordenadores desta obra, o Professor Miguel Figueira de Faria e o Arquiteto José Manuel Fernandes, pelo magnífico contributo que aqui nos é dado, merecendo ser salientado o elevado nível dos textos de todos os autores, decisivos para memória futura.

Do ponto de vista da transmissão de conhecimento aos investigadores e interessados no tema da arquitetura e das opções artísticas associadas ao desenvolvimento industrial, este livro vem preencher uma lacuna e permitir que haja uma percepção excelente sobre um caminho e uma gestão ao serviço das pessoas e do desenvolvimento em geral.

Com uma visão estratégica invulgar e uma enorme ambição, Alfredo da Silva e as gerações que lhe sucederam nas empresas do Grupo CUF implementaram um modelo inovador que ainda hoje tem absoluta atualidade no nosso País, gerando progresso económico e social, criando e distribuindo riqueza com lógica e apoio à sustentabilidade.

Fundação Amélia de Mello

INTRODUÇÃO

O MUNDO DAS OBRAS ARQUITETÓNICAS E DOS ESPAÇOS URBANOS DA CUF: HISTÓRIA, EVOLUÇÃO E PROTAGONISTAS

José Manuel Fernandes

A importância do empório da CUF, quer no que diretamente se lhe refere, quer nos seus sucessivos e fulcrais consequentes – empresas geradas, associadas, relacionadas – está já estudado e reconhecido, nas suas várias dimensões, histórica, iconográfica e biográfica.

A personalidade de Alfredo da Silva foi determinante, quer nas fases iniciais da(s) empresa(s), quer nos seus seguintes desenvolvimentos – e as continuidades asseguradas por figuras como Manuel de Mello e os seus descendentes estão igualmente estudadas e reconhecidas.

Diretamente relacionada com esta gesta, está a sua vasta expressão material, nomeadamente no campo da arquitetura e dos espaços edificados e urbanos, mas aqui falta ainda desenvolver uma visão de conjunto, estruturada e uma análise setorial, urbano-arquitetónica, funcional e tipológica, que acrescente ao reconhe-

cimento histórico do papel da CUF a sua forte dimensão arquitetural e artística, em suma, estética.



1. «Participação da CUF na Feira das Indústrias Portuguesas» (vista geral, foto de Horácio Novais), Expo Virtual «A Companhia União Fabril – CUF», Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, CFT164 042188 002.

É este o tema do presente livro, que desejamos que venha a ser um contributo para o conhecimento mais amplo e organizado sobre todo o universo CUF de obras edificadas, de construções com significado, valor e de objetos com expressão artística. Marcando o momento da comemoração dos 150 anos do nascimento de Alfredo da Silva, como compete.

A CUF tem um núcleo gerador territorial e espacial – o vasto espaço do Barreiro-Lavrado, que suportou as, fundamentais, iniciais e seguintes atividades produtivas, com obras e edificações industriais, de armazenamento e portuárias – e não só, pois foi igualmente o local para assentamento de áreas residenciais e habitacionais, e de suporte para os equipamentos de apoio a todo o coletivo, servindo a comunidade.

De entre as inúmeras obras dedicadas a esta temática, podemos mencionar *A Fábrica: 100 Anos da CUF no Barreiro*¹, em que vislumbramos, por imagens fotográficas, a gesta construtiva e vivida deste vasto espaço de urbanismo industrial na margem sul: os seus núcleos fabris, concretizados em múltiplos pavilhões, hangares e restantes espaços industriais e equipamentais de grande dimensão, alguns ainda existentes, que representam um século de constante edificação, com as suas transformações práticas, demolições, ampliações e extensões.



2. «Edifício Sede da CUF, Av. 24 de Julho, Lisboa» (vista noturna, foto de Horácio Novais), Expo Virtual «A Companhia União Fabril – CUF», Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, CFT164 050676 002.

Refiram-se, a título exemplificativo: o conjunto dos pavilhões para adubos e produção de ácido fosfórico; os pavilhões para oleaginosas; os silos destinados às rações; no plano da química, as instalações de produção do ácido sulfúrico, com

¹ Da autoria de António Camarão, António Sardinha Pereira e José Miguel Leal da Silva, e publicada pela Bizâncio em 2008.

a «esfera do amoníaco»; no da metalurgia, o edifício para tratamento de cinzas de pirite, os espaços da metalurgia do cobre e do chumbo, com a marcante chaminé; na área metalomecânica, o edifício da fundição e o da oficina de mecânica, bem como o edifício da caldeiraria; na zona têxtil, o vasto edifício da fábrica de juta; e ainda, a fábrica de tintas Tingo, o armazém de matérias-primas junto à ponte-cais nº. 2 e a antiga central elétrica, atual Museu Industrial, entre outros.

É toda uma enciclopédia viva da arquitetura do ferro e do aço, da arquitetura e da construção industrial em Portugal, que aqui se pode descobrir.

A dimensão urbana e arquitetónica de todo este processo de ocupação industrial, tanto no vasto espaço do Barreiro-Lavradio como na área da Rocha Conde de Óbidos em Lisboa, é detalhadamente analisada e sequenciada por Deolinda Folgado no seu artigo, amplamente documentado com material de arquivo, desenhos, fotos e projetos.

Dissecam-se os processos deste «programa industrial» da sua aplicação paulatina e das transformações sofridas ao longo de décadas, considerando as fábricas do ácido sulfúrico como paradigmas dessa capacidade de evolução tecnológica e de adaptação às exigências de modernização demonstrada pela CUF.

Quanto aos equipamentos, implantados nesta mesma área do Barreiro-Lavradio, podem ser mencionados, exemplificativamente, e continuando a seguir *A Fábrica: 100 Anos da CUF no Barreiro*: o Laboratório Central e a Torre do Relógio; o antigo refeitório, de 1942; a creche do Bairro de Santa Bárbara, de 1943; o Bairro Operário de Santa Bárbara, de 1932, com os seus equipamentos e casas individualizadas; a antiga casa de Alfredo da Silva, muito simbolicamente sita nas instalações do Barreiro; as escolas primárias (obras de 1927 e 1942); e, finalmente, o Mausoléu a Alfredo da Silva, com os seus pormenores escultóricos, que traduz toda uma atitude comemoracionista e monumentalizante. Nas imediações, atestando a importância dos investimentos da CUF na área educativa, citem-se o qualificado Externato Diocesano Manuel de Mello, de 1961 (projeto moderno de desenho modulado por Formosinho Sanchez, que foi liceu na década de 70 e é a atual Escola Secundária do Barreiro) ou a Escola Industrial e Comercial Alfredo da Silva, construída em 1947 com o apoio da CUF.

É toda uma leitura das várias características e da evolução da arquitetura portuguesa ao longo do século XX que podemos apreciar e analisar, estudando cada uma dessas obras e instalações – desde o modelo da casa portuguesa às tipologias neotradicionais do «Português Suave», para passar depois aos temas da arquitetura moderna mais atualizada e internacionalizada.



3. «Externato D. Manuel de Mello» (vista geral, foto n.º 1 da série, da autoria de Mário Novais), Expo Virtual «A Companhia União Fabril – CUF», Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, CFT003 010572 001.

De modo análogo, as obras de arquitetura habitacional refletem a evolução estética e construtiva dos modelos tradicionais para os padrões modernos – vejam-se, por exemplo, os edifícios da chamada habitação social – o Bairro Velho da CUF (c.1920-1930); o Bairro Novo da CUF (1950-1960), na Quinta da Fonte, de 1951-1955. Estas intervenções e obras foram estudadas na sua relação com os vários planos urbanos, nomeadamente por Cristino da Silva, que os inserem e integram.

Os espaços iniciais e os atualmente remanescentes das instalações da CUF nas docas da Rocha Conde de Óbidos, em Lisboa, desde os anos 30, constituem outra área geo-histórica e urbana de importância primacial para abarcar todo o universo CUF, aqui ligado à construção naval e aos transportes marítimos, duas das grandes forças deste conglomerado industrial – estendendo-se, de resto, a grandes empreendimentos mais recentes, como o da Setenave, resultante de parceria entre a CUF e a Lisnave, em 1971.

Fora de Lisboa e do Barreiro, mas ainda na sua área de influência, assinala-se, pela grandiosidade do empreendimento, o conjunto do bairro industrial de Albarraque/Tabaqueira, constituindo como que uma pequena «cidade industrial» autónoma, concebida como uma espécie de singela *garden-city* que inclui peças notáveis representativas da arquitetura moderna em Portugal, como a Igreja da Sagrada Família, com toda a sua pormenorização e obras de arte, que constituem hoje monumento de interesse público classificado pelo Estado.

Todo o processo de criação e desenvolvimento do bairro da Tabaqueira, em Albarraque, é estudado por Joaquim Boiça, estabelecendo a sua relação e enquadramento com as anteriores e antecedentes realizações urbano-industriais, resi-

denciais e equipamentais da CUF – bem como procurando os seus significados históricos, simbólicos e empresariais.



4. «Externato D. Manuel de Mello» (pormenor do betão armado, foto n.º 4 da série, da autoria de Mário Novais), Expo Virtual «A Companhia União Fabril – CUF», Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, CFT003 010569 001.

A Igreja da Sagrada Família, edificada no mesmo bairro com projeto notável de Jorge Viana, merece a análise detalhada de João Alves da Cunha, pois é a edificação que constitui como que a «jóia da coroa» do conjunto urbano-industrial da Tabaqueira, aqui estudada na sua relação com o tema das igrejas em bairros industriais e analisada como objeto em si, num conjunto construído, coerente e qualificado, de elementos arquitetónicos, escultóricos e plásticos.

Outros equipamentos e espaços comerciais mais centrais no bairro podem ser referidos, bem como exemplos das várias edificações de habitação social; e ainda a estátua/monumento a Alfredo da Silva, culminar estético de uma simbólica de mecenas e patronato, sem esquecer, naturalmente, o conjunto fabril do local, ou seja, os pavilhões/hangares que constituem o seu núcleo industrial.

Os temas com dimensão estética e artística, dentro da chamada «cultura monumental da CUF», são estudados em artigos por Miguel Figueira de Faria, João Francisco Fialho e José Manuel Fernandes, nos quais se abordam e analisam vários

monumentos, estatuária e iconologia, concebidos no contexto do devir da CUF – objetos e formas gerados pela «força da natureza» que foi a máquina fabril coletiva montada por Alfredo da Silva e seus continuadores.

A antiga colónia de férias da CUF em Almoçageme, dedicada às suas «famílias trabalhadoras», com os vários e planeados espaços livres e de lazer, os equipamentos, o refeitório, os pavilhões de habitação, etc. (até um pórtico de entrada com elementos decorativos), constitui um testemunho pleno de significados, tanto estéticos como sociais, que merece comparação e enquadramento com outras colónias empresariais das imediações.

O tema é abordado por João Cardim, que aborda as figuras do seu autor, o arquiteto António Lino, dos promotores Manuel e Jorge de Mello, e de Fernando Portela-Gomes, médico da CUF que informou e acompanhou todo o processo. O capítulo procura ainda caracterizar e contextualizar o tipo de arquitetura realizada, na época do pós-guerra, e analisar os temas da saúde ao ar livre, então inovadores e muito pertinentes, bem como o local de implantação da obra e o projeto ali desenvolvido com as suas características construtivas. Finaliza com a referência às influências sofridas a partir de modelos de instalações com tipologias análogas e com considerações sobre o futuro que esperará este conjunto, desativado há muito.

Uma área de estudo ainda pouco explorada no atual estado da investigação prende-se com os espaços de produção e de serviços nas zonas coloniais – sobretudo em Angola e em Moçambique – que constituíram uma das capitais frentes de ação e investimento desta «gesta da CUF».

Este tema é abordado de modo pioneiro e sistematizador por Ricardo Ferreira, que estrutura e organiza a informação sobre o conjunto das iniciativas empresariais, fabris e de serviços, e os seus setores funcionais de atuação, gerados pela CUF nas várias áreas ultramarinas, na fase fulcral de 1920 a 1975, desde a Guiné a São Tomé e Príncipe, mas sobretudo em Angola e em Moçambique. Exemplifica-se com a referência e os casos de estudo de empresas originadas pela iniciativa da CUF, «da epopeia do Cobre ao Jumbo de Luanda» e da Profabril, de tão importante intervenção nas obras desses territórios.

O mundo dos edifícios de sedes, funções bancárias e das companhias seguradoras ligados à CUF, como o Totta & Açores ou a seguradora Império, constitui outra área funcional, a da arquitetura de edifícios de escritórios, projetada por autores importantes e com forte dimensão urbana.

Este estudo é desenvolvido por Leonor Matos Silva, que, começando pelas realizações dos inícios do século XX, estende a sua análise até à fase da moderni-

dade dos anos 60 e 70, relevando, nomeadamente, as sucessivas obras promovidas pelo Banco Totta em Lisboa, Lourenço Marques e Luanda, algumas das quais se revestem de elevada qualidade arquitetónica – e chegando ao caso extremo do Banco Totta Standard de Angola, de 1966-1976, erigido na remota Tômbua (Porto Alexandre), no Sul de Angola, trabalho incompleto pelas circunstâncias, mas simbólico de todo um processo desenvolvido até à época.

Uma obra singular, mas marcante, é também a do antigo Cine Teatro Édén, com as suas fachadas de grande escala, a empena lateral, os dinâmicos interiores do átrio central – que é o sinal vivo de uma antiga companhia ligada à CUF que se interessou e investiu na área cultural e de espetáculos.

O tema é desenvolvido por Paulo Tormenta Pinto, que, partindo da referência à fundação da Companhia Cinematográfica dos Restauradores, por iniciativa da CUF, analisa os aspetos urbano-arquitetónicos daquela original sala de espetáculos, criada a partir dos inspiradores estudos e desenhos de Cassiano Branco, estudando detalhadamente os seus detalhes formais e espaciais, bem como o respetivo processo e contexto de edificação.

Muitos outros campos de análise arquitetónica-construtiva podem ainda ser referidos, como as obras ligadas ao tema hospitalar e assistencial, aos recintos e práticas desportivas, e às influências dos modelos arquitetónicos fabris europeus, como os franceses.



5. «Lisnave/Doca Alfredo da Silva. Margueira, Cacilhas» (vista geral, foto n.º 4 da série), Expo Virtual «A Companhia União Fabril – CUF», Biblioteca de Arte da FCG, CFT164.054537.



6. «Lisnave/Doca Alfredo da Silva, Margueira, Cacilhas» (vista do interior, foto n.º 8 da série), Expo Virtual «A Companhia União Fabril – CUF», Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, CFT164.85693.

O tema hospitalar é estudado por Helena Gonçalves Pinto, que abordou a evolução de várias iniciativas da CUF no domínio da saúde e dos equipamentos sanitários, com relevo para o hospital inaugurado em 1945, até às novas iniciativas dos grupos continuadores de Alfredo da Silva, como o Hospital das Descobertas (1998), e os mais recentes, como o Hospital CUF Tejo (2020).

Raquel Medina Cabeças aborda o tema da circulação dos modelos fabris que influenciaram a CUF, a partir de países europeus como a França, sobretudo na fase do primeiro quartel do século XX, mercê do papel importante desempenhado pelo engenheiro Stinville nas etapas iniciais da arquitetura industrial da empresa.

Nos conteúdos da obra foi dada especial atenção à imagem, um cuidado tido pelo conjunto dos coautores, em relação quer à apresentação de fotografias dos vários arquivos históricos, públicos e privados, quer a desenhos e projetos das muitas obras estudadas. Recorreu-se, igualmente, a gráficos e esquemas de análise dos processos realizados, bem como ao registo fotográfico atual, pela fotógrafa Rosa Reis, das inúmeras situações edificadas e dos vestígios materiais ainda existentes. Esta autora apresenta, de resto, a finalizar esta edição, o registo fotográfico da desmontagem e da transferência dos painéis de Leopoldo de Almeida, a partir

Para comemorar os 150 anos do nascimento de Alfredo da Silva, faltava desenvolver uma visão de conjunto estruturada e uma análise setorial urbano-arquitetónica, funcional e tipológica, que acrescentasse ao reconhecimento histórico do papel da CUF a sua forte dimensão arquitetural e artística, ou estética.

É este o tema do presente livro, que os autores desejam que venha a ser um contributo para um conhecimento mais amplo e organizado de todo o universo CUF de obras edificadas, de construções com significado e valor, de objetos com expressão artística que constituem um diversificado legado arquitetónico.

Nesta publicação foi dada especial atenção à imagem, com a apresentação de fotografias de vários arquivos históricos, públicos e privados, bem como de desenhos e projetos das muitas obras estudadas. Recorreu-se igualmente a gráficos e esquemas de análise dos processos realizados, bem como ao registo fotográfico atual das inúmeras situações edificadas e dos vestígios materiais ainda existentes.

